REVISTA DIÁLOGOS MEDITERRÂNICOS
ISSN: 2237-6585

A disputa entre Nicenos e Arianos em Antioquia: João Crisóstomo e a defesa de Melécio como herdeiro de Eustácio

The dispute between Nicenes and Arians in Antioch: John Chrysostom and the defense of Meletius as Eustatius'heir

Gilvan Ventura da Silva[1]

Resumo: O arianismo, um dos movimentos religiosos mais importantes do século IV, foi responsável por deflagrar um intenso conflito que abalou o cotidiano das igrejas. Ao contrário do que se supõe, o conflito se intensificou após o Concílio de Niceia (325). Em Antioquia, a capital da província da Síria-*Coele*, antes mesmo da realização do Concílio, o bispo local, Eustácio, já havia cerrado fileiras contra as teses de Ário. Por volta de 328, Eustácio é deposto, o que conduz ao predomínio dos bispos arianos na cidade. Em 360, Melécio é eleito para o episcopado, rompendo em seguida com os arianos ao declarar sua adesão ao credo niceno. Em 362, Paulino, um antigo presbítero leal a Eustácio, é também ordenado bispo, de maneira que Antioquia passa a contar então com três bispos, dois nicenos e um ariano. No presente artigo, pretendemos refletir sobre a associação que João Crisóstomo, logo após sua ordenação como presbítero, em 386, estabelece entre Eustácio e Melécio, fazendo deste o herdeiro da causa nicena defendida pelo primeiro. O propósito do pregador era fortalecer a posição de Flaviano, o sucessor de Melécio, que enfrentava, na década de 380, a hostilidade dos paulinistas e de setores do episcopado ocidental, que se recusavam a reconhecê-lo como bispo pelo fato de ter pertencido à *entourage* de Melécio, tido como herético mesmo após abraçar a doutrina da consubstanciação.
Palavras-Chave: Antiguidade Tardia. Antioquia. Credo de Niceia. Arianismo. Melécio. Eustácio.

Abstract: Arianism, one of the most important religious movements of the 4th century, was responsible for triggering an intense conflict that shook the daily life of the churches. Contrary to what is commonly believed, the conflict intensified after the Council of Nicaea (325). In Antioch, the *metropolis* of the province of Syria-*Coele*, even before the Council, the local bishop, Eustathius, had already rallied against the theses of Arius. Around 328, Eustathius was deposed, leading to the predominance of Arian bishops in the city. In 360, Meletius was elected to the episcopate, subsequently breaking with the Arians by declaring his adherence to the Nicene Creed. In 362, Paulinus, a former presbyter loyal to Eustathius, was also ordained bishop, so that Antioch then had three bishops, two Nicene and one Arian. In this article, we intend to reflect on the association that John Chrysostom, soon after being ordained a priest in 386, established between Eustathius and Meletius, making the latter the heir to the Nicene cause backed by the former. The preacher's purpose was to strengthen the position of Flavian, Meletius' successor, who in the 380s faced hostility from the Paulinists and sectors of the Western episcopate, who

[1] Professor Titular de História Antiga da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Doutor em História pela Universidade de São Paulo, bolsista produtividade 1-C do CNPq e pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir). Atualmente, executa o projeto *Os desafios da gestão pública na cidade pós-clássica: as transformações na governança de Antioquia (354-397 d.C.)*.

refused to recognize him as bishop because he had belonged to the entourage of Meletius, who was considered a heretic even after embracing the doctrine of consubstantiation.
Keywords: Late Antiquity. Antioch. Nicene Creed. Arianism. Meletius. Eustathius

Palavras iniciais

Em se tratando da história do cristianismo, o século IV representou um autêntico *turning point*, na medida em que, nesse momento, o decreto de tolerância proclamado por Galério, em abril de 311, não apenas encerrava a Grande Perseguição iniciada havia quase uma década, como também outorgava liberdade de culto aos cristãos, com a condição de que não perturbassem a ordem pública e que rogassem a seu deus pela saúde do Império e do imperador, tal como nos informa Lactâncio[2]. Logo a seguir, em 312, ascende ao comando das províncias ocidentais Constantino, um soberano que, tal como seu pai, Constâncio Cloro, mostrava-se favorável ao cristianismo[3], como comprova o assim denominado "Édito de Milão"[4], de junho de 313, no qual o imperador, em acordo com Licínio, além de ratificar os termos do decreto de Galério no que dizia respeito à liberdade religiosa concedida a todos os súditos do Império, determinava a restituição imediata dos lugares de culto subtraídos aos cristãos, não importando se houvessem sido adquiridos por intermédio do *fiscus* ou das mãos de terceiros[5]. As disposições contidas no "Édito de Milão" são acompanhadas por outras tantas iniciativas de Constantino em benefício da

[2] LACTANCIO. *Sobre la muerte de los perseguidores*. Introducción, traducción y notas de Ramón Teja. Madrid: Gredos, 1982, 34-1-5.
[3] À época em que a Grande Perseguição foi deflagrada, Constâncio Cloro ocupava, no sistema tetrárquico, o cargo de César, tendo sido elevado a Augusto em 305, quando da renúncia de Diocleciano e Maximiano. Responsável pelo comando das Gálias e da Britânia, Constâncio, de acordo com EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. Tradução das monjas beneditinas do Mosteiro Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000, VIII, 13, 12-13, não participou da guerra movida contra os cristãos, mas antes poupou de maus-tratos aqueles a seu serviço, pois nutria "sentimentos amigáveis" para com a doutrina cristã. A realidade, no entanto, é um pouco mais complexa, pois, como reporta Lactâncio, em *De mort. per.*, 15, 7, o soberano, a fim de não se opor inteiramente à ordem de Diocleciano e Galério, permitiu que algumas igrejas fossem destruídas, embora tenha "conservado intacto o verdadeiro templo de Deus, que se encontra dentro das pessoas", afirmação que, supomos, seja uma alusão ao fato de Constâncio não ter se empenhado em executar os cristãos, o que é corroborado pela inexistência de mártires nas províncias por ele controladas. De fato, com exceção de certo Albano, um mártir bretão, não dispomos de informações seguras sobre cristãos que teriam sido supliciados nas Gálias e na Britânia devido à legislação anticristã de Diocleciano. Cf. PIETRI, L. Les résistances: de la polémique païenne à la persécution de Dioclétien. In: MAYEUR, J. M. *et al*. (éd.). *Histoire du Christianisme*: naissance d'une chrétienté (250-430). Paris: Desclée, 1995, p. 155-185. v. 2.
[4] A existência do assim denominado Édito de Milão tem sido, há décadas, motivo de acirrado debate entre os especialistas, uma vez que o texto legal concedendo liberdade de culto aos cristãos transmitido por Lactâncio seria, na realidade, uma *epistula* enviada por Licínio ao governador da Bitínia, que a teria então postado em Nicomédia. Recentemente, no entanto, LENSKY, N. The significance of the Edict of Milan. In: SIECIENSKY, E. (ed.). *Constantine*: religious faith and imperial policy. London: Routledge, 2017, p. 27-56, se posicionou a favor da existência do edito, cuja versão original se perdeu.
[5] *De mort. pers.* 48, 7-8.

Igreja, a exemplo da construção de basílicas monumentais em Roma, Constantinopla e na Terra Santa e da concessão de privilégios jurídicos aos membros do clero, incluindo a isenção dos *munera*[6]. Desse modo, as comunidades cristãs experimentam uma rápida difusão, ao mesmo tempo que os bispos se tornam líderes de relevo, passando a gerir, sem qualquer entrave legal, um patrimônio que os habilitava a investir tanto na multiplicação das estruturas edilícias necessárias ao culto (igrejas, mosteiros, *martyria*), quanto na consolidação de uma rede de apoio aos pobres e desvalidos. A atuação de Constantino, no entanto, não se restringiu à garantia dos recursos materiais necessários para que a Igreja pudesse se expandir, mas implicou ainda o envolvimento do imperador nos conflitos que opunham as distintas facções cristãs, a começar pela interferência imperial no cisma donatista, que irrompe, no norte da África, por volta de 306, logo após o falecimento de Mensúrio, quando a sé de Cartago passa a ser disputada por dois prelados, Ceciliano e Majorino[7]. Alguns anos depois, a atenção de Constantino se volta para outra controvérsia que alcançou uma intensidade e difusão muito maiores do que o donatismo, circunscrito, basicamente, às províncias norte-africanas[8]. Nos referimos ao arianismo, um movimento complexo cujo fundamento era o debate em torno da divindade de Cristo.

Muito embora o aclaramento do lugar ocupado pelo Filho no contexto da criação e dos vínculos que o uniam ao Pai não fosse uma reflexão propriamente nova, tendo despertado, desde o século II, o interesse de pensadores como Teódoto de Bizâncio[9],

---

[6] DRAKE, H. *Constantine and the bishops*: the politics of intolerance. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002, p. 11.

[7] Sobre a intervenção de Constantino na controvérsia donatista, consultar LENSKY, N. Constantine and the Donatists: exploring the limits of religious toleration. In: UNGERN-STERNBERG *et al.* (ed.). *Colloquia Raurica*. Berlin: Walter de Gruyter, 2016, p. 101-139.

[8] Afora o norte da África, o donatismo contava com uma representação apenas em Roma, para onde Donato, o líder do movimento, teria enviado Vítor de Garba na condição de bispo dos africanos aí residentes. Como o donatismo não gozava do apoio do bispo de Roma, seus adeptos não tinham permissão para se reunir nas igrejas da capital. A alternativa por eles encontrada para viabilizar o serviço litúrgico foi a ocupação de uma gruta situada em uma das colinas da cidade. Por esse motivo, passaram a ser identificados, de modo pejorativo, como *montenses*, cf. WILHITE, D. V. *Ancient African Christianity*. New York: Routledge, 2017, p. 204.

[9] Teódoto de Bizâncio, cognominado "O Curtidor", foi responsável, no fim do século II, por introduzir, em Roma, a doutrina adocionista segundo a qual Cristo teria sido um mero homem adotado como filho de Deus devido aos seus méritos. Nascido da Virgem por vontade do Pai, somente no episódio do batismo no Jordão, quando o espírito divino se manifesta por intermédio de uma pomba, é que Cristo teria recebido poderes taumatúrgicos, passando assim a se apresentar como Filho de Deus. Mais tarde, Paulo de Samósata, bispo de Antioquia sob o governo de Zenóbia (266-272), retomou e aprofundou os argumentos de Teódoto de Bizâncio, cf. SIMONETTI, M. Adocionistas. In: BERARDINO, A. (org.). *Dicionário patrístico e de Antigüidades cristãs*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 43.

Noeto de Esrmirna[10] e Orígenes[11], é no século IV que o assunto adquire maior visibilidade, num momento em que a cristianização do Império se consolida rapidamente. A disputa irrompeu entre 318 e 323, quando Ário, um antigo discípulo de Luciano de Antioquia e presbítero da congregação de Baucális[12], na zona portuária de Alexandria, começou a ensinar que, ao contrário do Pai, o Filho não teria sempre existido, o que lhe impunha um início (*arché*), como todas as demais criaturas. Além disso, Ário sustentava que, tendo sido criado do nada, o Filho não faria parte da natureza (*ousia*, *substantia*) de Deus, cuja identidade desconheceria[13]. Os argumentos do autor replicavam, de certa maneira, a doutrina subordinacionista de Orígenes, para quem o Filho, embora compartilhasse da natureza divina, seria, ao fim e ao cabo, inferior ao Pai. Pregador de notável apelo popular, Ário logo despertou a animosidade do bispo local, Alexandre, um ferrenho opositor do pensamento origenista[14]. A fim de garantir o alinhamento teológico do episcopado egípcio, Alexandre convoca um sínodo no qual Ário e seus partidários são destituídos de seus cargos, excluídos da comunhão com a igreja egípcia e banidos de Alexandria. Em busca de apoio, Ário apela para Eusébio de Nicomédia, um ex-aluno de Luciano de Antioquia, assim como ele. Numa epístola conservada por Teodoreto de Ciro[15], cuida de esclarecer ao antigo colega as linhas gerais da sua teologia ao mesmo tempo que denuncia os abusos sofridos no Egito. Como resultado, Eusébio de Nicomédia não apenas acolhe Ário, mas também começa a patrocinar sua causa nos meios

[10] Noeto, um nativo de Esmirna, foi provavelmente o primeiro a ensinar, em fins do século II, a doutrina patripassiana, mais tarde reformulada por Sabélio. De acordo com Noeto, Cristo seria apenas um dos modos de manifestação do Pai, razão pela qual os patripassianos também se tornaram conhecidos como modalistas. Nesse sentido, o próprio Pai, assumindo a forma do Filho, teria encarnado e padecido na cruz, o que contrariava a presunção de que Pai e Filho fossem pessoas (*prosopoi*) distintas. V. CROSS, F. L.; LIVINGSTONE, E. A. *The Oxford dictionary of the Christian Church*. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 1165.

[11] Orígenes, um influente autor cristão do século III, ensinava que, embora o Filho fosse eterno, assim como o Pai, era também distinto e inferior a este, o que constituía, no fim das contas, uma interpretação subordinacionista acerca da natureza de Jesus. Embora Orígenes fosse um pensador conhecido e respeitado em todo o Oriente, seus ensinamentos não gozavam de unanimidade. Desde sua eleição episcopal, Pedro, o bispo de Alexandria decapitado por volta de 311, dedicou-se a combater, em diversas obras, o pensamento origenista, atitude emulada por seu sucessor, Alexandre, o mesmo que deu início à divergência com Ário. V. RUBENSTEIN, R. *Quando Jesus se tornou Deus*. Rio de Janeiro: Fisus, 2001, p. 79-80.

[12] Luciano era, muito provavelmente, um presbítero da congregação de Antioquia que foi martirizado, em Nicomédia, em janeiro de 312. Supõe-se que tenha sido um subordinacionista radical. Dentre os que frequentaram suas lições, os assim denominados colucianistas, contavam-se Ário e Eusébio de Nicomédia, cf. SIMONETTI, M. Luciano de Antioquia. In: BERARDINO, A. *op. cit*, p. 860.

[13] LYMAN, J. R. Arius and Arians. In: HARVEY, S. A.; HUNTER, D. (ed.). *The Oxford handbook of Early Christian Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 237-257.

[14] RUBENSTEIN, R. *Op. cit.*, p. 80.

[15] THEODORET. The Ecclesiastical History. In: SCHAFF, P.; WACE, H. (ed.). *Nicene and post-Nicene Fathers*. Peabody: Hendrickson, 2004, I, 5.

eclesiásticos do Oriente, conferindo assim uma amplitude muito maior a uma disputa que, no início, se encontrava confinada ao Egito[16]. Ciente da gravidade do problema, Constantino decide reunir, em Niceia, na província da Bitínia, um concílio de aproximadamente 250 bispos[17], a maioria originária das províncias orientais, com o propósito de avaliar as teses arianistas acerca da divindade de Cristo. Contando com a presença de Constantino, que inclusive teria orientado o debate, o concílio declarou a identidade entre o Pai e o Filho por meio do vocábulo *homoousios* (em latim, *consubstantialis*), isto é, "idêntico em essência ou substância", o que não deixava de ser surpreendente, tendo em vista que *homoousios*, além de não ser empregado em nenhuma passagem das Escrituras, havia sido condenado, em 268, no concílio de Antioquia, pelo fato de não exprimir com clareza a distinção entre o Pai e o Filho[18].

Malgrado a intenção de Constantino em promover a conciliação entre os bispos acerca de um assunto tão caro ao episcopado, como era a natureza de Cristo, encerrando assim uma polêmica de longa data, o concílio de Niceia acarretou, na realidade, o acirramento das posições doutrinárias já existentes, bem como o surgimento de outras, de maneira que as décadas seguintes foram marcadas pelo conflito que opôs os defensores do credo de Niceia aos seus adversários, os quais, por comodidade, costumamos agrupar sob o rótulo de arianos[19]. Nesse sentido, talvez não seja um exagero afirmar que o arianismo, em virtude da sua capilaridade, do grau de engajamento das facções em litígio e do envolvimento direto da autoridade imperial, representou a mais aguda polêmica religiosa do século IV, interferindo na dinâmica das comunidades cristãs disseminadas por toda a extensão do Império.

---

[16] DANIÉLOU, J.; MARROU, H. I. *Nova história da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 261.

[17] Não sabemos ao certo quantos bispos compareceram a Niceia. A cifra de mais de 250 bispos nos foi transmitida por EUSEBIO DE CESAREA. *Vida de Constantino*. Introducción, traducción y notas de Martín Gurruchaga. Madrid: Gredos, 1994, III, 8. Teodoreto, em *HE*, I, VI, por sua vez, registra 318 participantes, número seguido por outros autores. Cumpre observar que Silvestre, o bispo de Roma, então idoso, não compareceu ao concílio, sendo representado por dois presbíteros, Vito e Vincêncio.

[18] DRAKE, H. *Op. cit.*, p. 256.

[19] Conforme esclarece LYMAN, J. R., *Op. cit.*, 2008, p. 247, o termo "arianos", empregado de modo pejorativo para designar aqueles que negavam a divindade de Cristo, foi cunhado por Atanásio de Alexandria, em suas *Orações contra os arianos*, redigidas entre 339-340, quando o autor se encontrava exilado em Roma. "Ariano", tal como formulado por Atanásio, passa então a ser aplicado, sem distinção, a qualquer um que fizesse oposição ao bispo ou que colocasse em dúvida o símbolo de Niceia, induzindo-nos a supor uma identidade universal entre os ditos "arianos", o que não se verifica na realidade, uma vez que o arianismo, devido à sua abrangência e duração, foi muito mais complexo e multifacetado do que poderíamos julgar à primeira vista.

Um exemplo de como o confronto entre nicenos e arianos foi capaz de impactar o cotidiano das congregações nos é fornecido por Antioquia, a metrópole da Síria-*Coele*, na qual, antes mesmo do concílio de Niceia, o bispo local, Eustácio, já havia cerrado fileiras contra as teses de Ário. Por volta de 328[20], devido à contraofensiva liderada por alguns arianos de primeira hora, em particular Eusébio de Cesareia, Eusébio de Nicomédia e Teógnis de Niceia, Eustácio é deposto e enviado, em exílio, para Trajanópolis, na Trácia, o que dá ensejo ao Cisma de Antioquia, uma vez que Paulino, um dos presbíteros da *entourage* de Eustácio, passa a liderar um círculo de seguidores que, por não concordarem com a deposição do bispo, se declaram independentes. Nas décadas seguintes, diversos bispos concorrentes buscam afirmar sua autoridade, incluindo Melécio, um prelado de inclinação ariana que, logo após assumir, em 360, o trono episcopal da cidade, se revela simpatizante do credo de Niceia, para surpresa de muitos, inclusive de Constâncio II, que havia referendado sua ordenação.

Desse momento em diante, Melécio começa a rivalizar com Paulino, o líder dos eustacianos, que, em 362, é sagrado bispo por Lúcifer de Cagliaris. O resultado foi a divisão da igreja de Antioquia em duas correntes nicenas, representadas por Melécio e Paulino, e uma ariana, situação que se prolongou por mais de trinta anos. Se é certo que, desde fevereiro de 380, em virtude da promulgação, por Teodósio, do Édito de Tessalônica[21] – também conhecido como *Cunctos populus* – a controvérsia ariana encontrava-se superada do ponto de vista político-jurídico, na prática, o conflito ainda se desdobrava pelas províncias, como comprova o caso antioqueno, pois, na segunda metade da década de 380, João Crisóstomo, recém-ordenado presbítero por Flaviano, se empenha na defesa de Melécio como um genuíno adepto do credo de Niceia, construindo assim a memória do bispo como herdeiro direto de Eustácio, em detrimento de Paulino, cuja existência é simplesmente ignorada pelo pregador. O que parece ocorrer, então, é aquilo que Harisson[22] descreve como *pirataria simbólica*, ou seja, uma ação por meio da qual, num contexto em que grupos divergentes aspiram à mesma identidade, um deles se

[20] Não há consenso, na historiografia, sobre quando Eustácio teria sido deposto, se em 326, como supõe CHADWICK, H. The fall of Eustathius of Antioch. *The Journal of Theological Studies*, v. 49, n. 193/194, p. 27-35, 1948, em 327, 328 ou mesmo mais tarde. Na opinião de BURGESS, R. W. The date of the deposition of Eustathius of Antioch. *Journal of Theological Studies*, NS, v. 51, pt. 1, p. 150-160, 2000, a data mais provável seria 328, logo após o Ano Novo sírio, ou seja, entre outubro e dezembro.

[21] PHARR, C.; DAVIDSON, T. S.; PHARR, M. B. (ed.). *The Theodosian Code and novels and the Sirmondian Constitutions*. Union: The Lawbook Exchange, 2001, XVI, 1-2.

[22] HARRISON, S. Identity as a scarce resource. *Social Anthropology*, n. 7, 3, p. 239-251, 1999.

apropria dos símbolos (valores, artefatos, ideias, imagens) dos adversários, empregando-os para afirmar sua condição superior. É justamente essa disputa entre Melécio e Paulino pelo legado de Eustácio que desejamos iluminar neste artigo. No que diz respeito à base documental, examinaremos duas homilias, *Sobre São Melécio* e *Sobre São Eustácio*, ambas pronunciadas logo no início da carreira sacerdotal de João Crisóstomo. Antes, porém, é necessário aclarar os contornos do Cisma de Antioquia, iniciado com a deposição de Eustácio.

Eustácio de Antioquia, um pioneiro na luta contra o arianismo

Em dezembro de 324, Filogônio, o bispo de Antioquia, veio a falecer, abrindo-se então um debate acerca de qual seria a melhor opção para substituí-lo, pois, ao que parece, não haveria, na cidade, um nome à altura de comandar uma das mais antigas e prestigiadas sés apostólicas do cristianismo, cenário da atividade missionária de Pedro, Paulo e Barnabé e onde, pela primeira vez, os discípulos de Jesus teriam recebido o nome de "cristãos", conforme a narrativa contida em *Atos*, 11, 26. O escolhido foi Eustácio, um nativo de Side, na Panfília, que à época respondia pela sé de Bereia (atual Alepo), cidade localizada a cerca de 100 km de Antioquia, no sentido Norte. Eustácio teria assumido o episcopado antioqueno logo no início de 325[23], por decisão de um concílio de 59 bispos sírio-palestinos reunidos sob a presidência de Ósio de Córdoba, que se encontrava em missão pelas províncias orientais por determinação de Constantino[24]. O concílio, no entanto, não se ocupou apenas da eleição de Eustácio, mas também das teses de Ário, que já vinham, nos últimos anos, causando agitação nos meios eclesiásticos, razão pela qual produziu-se uma fórmula de fé que condenava os principais argumentos arianistas, em particular o da criação do Filho a partir do nada e o da dessemelhança entre o Pai e o Filho. Para os padres conciliares, Cristo provinha de Deus e não do nada, embora o intelecto humano não possuísse recursos para compreender, com exatidão, os detalhes desse processo. Além disso, por ser coeterno, o Filho compartilharia da autêntica substância do Pai, de modo que um não poderia ser considerado superior ao outro. Esse

[23] A cronologia dos bispos de Antioquia, na década de 320, é um tanto ou quanto confusa, pois enquanto algumas fontes mencionam Paulino de Tiro como o sucessor de Filogônio, outras o consideram sucessor de Eustácio. Hoje, a maioria dos autores aceita que Paulino de Tiro tenha sido eleito após a deposição de Eustácio, ponto de vista que adotamos neste trabalho. V. CARTWRIGHT, S. Eustathius of Antioch in modern research. *Vox Patrum*, n. 33, t. 59, p. 465-486, 2013.

[24] Antes de visitar Antioquia, Óssio havia estado em Alexandria com o propósito de mediar, embora sem sucesso, o conflito entre Alexandre e Ário. A respeito da carreira de Óssio de Córdoba e de sua atuação na controvérsia ariana, consultar ARTEMI, E. Hossius of Cordoba as catalyzing agent for the convening of the First Ecumenical Council. *De Medio Aevo*, 9, 1, p. 123-138, 2016.

credo que, em linhas gerais, antecipava aquilo que, alguns meses mais tarde, seria estabelecido em Niceia, foi assinado por todos os presentes ao concílio, à exceção de Teódoto de Laodiceia, Narciso de Neronias e Eusébio de Cesareia, aliados de Ário, que foram então excomungados[25]. Ao tudo indica, Eustácio teria exercido notável influência na condenação do arianismo, uma vez que, desde o início, sempre se mostrou um ferrenho opositor do movimento, não sendo por acaso que, segundo alguns autores, lhe teria sido reservada a honra de presidir o Concílio de Niceia[26], informação, no entanto, que carece de comprovação. Seja como for, é inegável que Eustácio, apoiado pelas decisões do concílio que o havia eleito alguns meses antes, tenha desempenhado um papel decisivo em Niceia ao liderar a comitiva dos bispos sírios-palestinos, pois sabemos que, dos cinquenta e nove participantes do Concílio de Antioquia, quarenta e nove compareceram ao Concílio de Niceia[27].

Como nos informam Sócrates[28] e Sozomeno[29], a atuação francamente anti-ariana de Eustácio lhe rendeu a animosidade dos defensores de Ário, o que conduziu, em 327 ou 328, à sua deposição, num concílio reunido em Antioquia[30]. Na ocasião, o bispo teria sido alvo da acusação de sabelianismo[31]. Não resta dúvida que Eustácio, ao se empenhar,

[25] POLLARD, E. The creeds of A.D. 325. Antiochia, Caesarea, Nicaea. *Scottish Journal of Theology*, v. 13, i. 3, p. 278-300, 1960.
[26] ARTEMI, E. *Op. cit.*, p. 133, n. 5.
[27] POLLARD, E. *Op. cit.*, p. 278.
[28] SOCRATES SCHOLASTICUS. The Ecclesiastical History. Revised, with notes, by A. C. Zenos. In: SCHAFF, P.; WACE, H. (ed.). *Nicene and post-Nicene Fathers*. Peabody: Hendrickson, 2004, I, XXIV.
[29] SOZOMEN. The Ecclesiastical History. Revised by Chester D. Hartfranft. In: SCHAFF, P.; WACE, H. (ed.). *Nicene and post-Nicene Fathers*. Peabody: Hendrickson, 2004, II, XX.
[30] Teodoreto de Ciro, em *HE*, I, XX, reporta que Eustácio teria sido vítima de um complô urdido por Eusébio de Cesareia e outros bispos orientais por meio do qual uma mulher de reputação duvidosa acusou o bispo de Antioquia de ser o pai do filho que trazia nos braços, o que era motivo de escândalo. Explicação semelhante nos é transmitida por PHILOSTORGIUS. *Church History*. Translated with an Introduction and Notes by Philip R. Amidon. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007, 2,7. É necessário ponderar, no entanto, que as narrativas de Teodoreto e Filostórgio parecem seguir um *topos* literário empregado em ocasiões nas quais se tratava de arruinar a reputação de um adversário religioso, o que diminui sua credibilidade. Nesse caso, julgamos que a explicação mais simples – e, portanto, mais crível – para a deposição de Eustácio resida no conflito que opôs Eustácio a Eusébio de Cesareia e demais partidários do arianismo.
[31] O sabelianismo, cujo nome deriva de Sabélio, um pensador radicado em Roma que, por volta de 220, foi condenado por Calisto, aludia à doutrina patropassiana segundo a qual um único Deus teria se manifestado no Antigo Testamento como Pai, na Encarnação como Filho e, em Pentecostes, como Espírito Santo. Além disso, os sabelianos, ao contrário de Orígenes, para quem haveria três hipóstases distintas na Trindade, sustentavam que o Pai, o Filho e o Espírito Santo formariam uma única pessoa (*prosopon* ou *hypostasis*). No século IV, o rótulo de sabeliano foi amiúde empregado para atacar qualquer adversário religioso que professasse a unidade divina, independentemente das suas reais convicções religiosas, cf. SIMONETTI, A. Sabélio – sabelianos. In: BERARDINO, A. (org.). *Op. cit.*, 1238-1239. Nesse sentido, muito embora Sócrates, em *HE*, I, XXIV, duvide que Eustácio tenha sido deposto sob pretexto de ser um adepto do

após o Concílio de Niceia, numa cruzada contra os subordinacionistas, tenha atraído para si a animosidade de personagens influentes como Eusébio de Nicomédia e Eusébio de Cesareia[32], havendo inclusive a suposição de que este último tenha presidido o concílio que o depôs[33]. Após sua remoção, Eustácio foi enviado, em exílio, para a Trácia, tendo morrido por volta de 337 sem jamais retornar à sua sé. Para o seu lugar, teria sido eleito Paulino de Tiro, um adepto do arianismo. Nos anos que se seguiram, o trono episcopal de Antioquia foi ocupado sempre por bispos de inclinação ariana, em conformidade com a política religiosa adotada, por Constantino, em seus últimos anos de governo, e continuada por seu filho, Constâncio II, que governou como único imperador de 350 até sua morte, em 361. Todavia, o sucesso do arianismo, em Antioquia, não foi absoluto, pois, mesmo com o afastamento de Eustácio, seus seguidores continuaram ativos na cidade. Sob o comando de Paulino, os eustacianos constituíram, por décadas, o bastião da resistência nicena na cidade, ao mesmo tempo que o debate em torno da divindade de Cristo se tornava mais complexo, com uma notável inflexão a partir da década de 350, quando emerge a corrente anomeana ou heterousiana, que enfatizava a completa distinção entre o Pai e o Filho, posição que causava repulsa não apenas ao nicenos, mas também aos arianos moderados, para quem Cristo, se não possuía a idêntica substância do Pai, era ao menos semelhante (*homoios*) a Ele.

O fundador da corrente anomeana foi Aécio, um sírio que, por volta de 355, tornou-se diácono pelas mãos de Leôncio, o bispo ariano de Antioquia à época. O ingresso de Aécio no diaconato suscitou um profundo desconforto tanto entre os nicenos quanto entre os arianos moderados da cidade. Estes últimos, liderados por Diodoro, mais tarde ordenado bispo de Tarso, e por Flaviano, futuro bispo de Antioquia, se opuseram veementemente à ordenação de Aécio, obrigando Leôncio a voltar atrás em sua decisão[34]. Nesse ínterim, Aécio é forçado a deixar a cidade, para a qual retorna um pouco depois, quando Eudóxio de Germanícia assume em lugar de Leôncio, morto em 357. Doravante, Eudóxio se torna o protetor não apenas de Aécio, mas do secretário e discípulo deste último, Eunômio, um nativo da Capadócia que é então ordenado diácono e, mais tarde,

sabelianismo, não é, em absoluto, improvável que, no embate com os arianos capitaneados por Eusébio de Cesareia, estes últimos tenham recorrido à acusação de sabelianismo para destituí-lo de sua sé.

[32] CARTWRIGHT, S. *Op. cit.*, p. 466.

[33] BURGESS, R. W. *Op. cit.*, p. 158.

[34] SIMONETTI, M. *La crisi ariana nel IV secolo*. Roma: Istitutum Patristicum "Augustinianun", 1975, p. 361.

bispo de Cízico[35]. A atuação de Eudóxio, que se fez transferir de Germanícia para Antioquia à revelia de Constâncio II, bem como sua aliança com Aécio e Eunômio, cujos ensinamentos causavam indignação em muitos setores do episcopado[36], o colocaram em rota de colisão com a corte. De fato, o imperador, por intervenção de Basílio de Ancira, escreve à igreja de Antioquia condenando Eudóxio por ter assumido o bispado sem o seu consentimento e por promover os ensinamentos de Aécio e Eunômio, pelo que todos os três deveriam ser exilados. Desse imbróglio, Eudóxio foi hábil o bastante para se desvencilhar, recuperando, em pouco tempo, a confiança de Constâncio II, que autoriza, em 360, sua transferência para Constantinopla[37]. Para o lugar de Eudóxio, é eleito Melécio, um nativo de Melitene, na Armênia, que, por volta de 358, havia sido ordenado bispo de Sebaste, capital da Armênia Prima.

Melécio, de trânsfuga do arianismo a campeão do credo niceno

A eleição de Melécio como sucessor de Eustácio de Sebaste[38], um bispo envolvido com diversas denúncias de heresia, não foi bem aceita por uma parcela da população local, que terminou por expulsá-lo. Sem condições de se manter no cargo, Melécio parecia aos bispos arianos capitaneados por Acácio de Cesareia uma opção conveniente para a sé de Antioquia[39], motivo pelo qual, em 360, assume o episcopado da cidade por decisão de Constâncio II, embora sua nomeação estivesse em flagrante desacordo com o décimo quinto cânone do Concílio de Niceia, que vetava a transferência de bispos, presbíteros e diáconos de uma sé a outra[40]. No entanto, um pouco depois, em 361, ao

[35] AYRES, L. *Nicaea and the legacy*: an approach to fourth-century Trinitarian theology. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 146.
[36] Embora Aécio seja considerado o fundador do anomeísmo, o seu teórico mais influente foi Eunômio, para quem o Filho era uma criatura do Pai, do mesmo modo que o Espírito Santo era um produto do desejo divino gerado pelo Filho e inferior a este. Desse modo, haveria entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo não apenas uma total dessemelhança, mas também uma evidente hierarquia, cf. SLUSSER, M. Traditional views of late Ariansim. In: BARNES, M. R.; WILLIAMS, D. H. (ed.). *Arianism after Arius*: essays on the development of the fourth century Trinitarian conflicts. Edinburgh: T&T Clark, 1993, p. 3-30. Informações complementares sobre o assunto podem ser encontradas em PAPA, H. A. *"Em nome do Pai e do Filho"*: cristianismos na Antiguidade Tardia e as disputas entre Gregório de Nissa e os eunomianos. Curitiba: Appris, 2024.
[37] AYRES, L. *Op. cit*., p. 153.
[38] Sobre as acusações apresentadas contra Eustácio de Sebaste no Concílio de Gangra, consultar SILVA, G. V. A masculinização das devotas no século IV d.C.: Eustácio de Sebaste e as tradições heréticas do ascetismo. In: SILVA, G. V.; NADER, M. B.; FRANCO, S. P. *História, mulher e poder*. Vitória: Edufes, 2006, p. 40-58.
[39] SOLER, E. *Le sacré et la salut à Antioche au IVe siècle apr. J.-C.*: pratiques festives et comportements religieux dans le processus de christianisation de la cité. Beyrouth: Institut Français du Proche-Orient, 2006, p. 161.
[40] Muito embora Sócrates (*HE*, II, XLIV) afirme que, antes de se instalar em Antioquia, Melécio ocupou a sé de Bereia, há consenso entre os historiadores que essa informação não tem fundamento, sendo, muito

revelar, num pronunciamento, sua inclinação pelo credo niceno, Melécio cai em desgraça, sendo destituído e enviado, em exílio, à Armênia, sua terra natal. Em seu lugar, assume Euzoio, um antigo diácono de Alexandria que havia sido companheiro de Ário[41]. Segundo Teodoreto[42], os arianos, ao apoiarem o nome de Melécio, teriam sido vítimas de um rotundo engano, pois imaginavam que o bispo recém-eleito compartilhasse da sua doutrina e não que fosse, em segredo, simpatizante do credo de Niceia. Nesse sentido, Melécio teria sido, ao fim e ao cabo, um impostor ao dissimular suas verdadeiras convicções doutrinárias com o propósito de obter a indicação para uma nova cátedra. Filostórgio[43], no entanto, oferece uma explicação mais plausível acerca das nuances do pensamento teológico de Melécio, pois este, de início, teria sido um defensor da ideia segundo a qual o Filho seria apenas semelhante (*homoios*) ao Pai e não idêntico em substância. Contudo, após sua entronização como bispo de Antioquia, teria manifestado preferência pelo *homoousios*, o que determinou sua deposição.

Na realidade, ao transitar de um credo a outro, Melécio parece se alinhar a um movimento de retomada das teses de Niceia pelos bispos do Oriente que começa a se delinear na década de 360, como reação aos excessos de Aécio e Eunômio, e cujo ponto de chegada foi o Concílio de Constantinopla, em 381, no qual se proclamou a igualdade de substância entre as três hipóstases divinas, que, embora preservando suas características, agiriam em harmonia[44]. Seja como for, a partir da sua deposição, Melécio passa a se apresentar como um defensor da doutrina da consubstancialidade, em franca concorrência com Paulino, o líder dos eustacianos que, em 362, como mencionamos, havia sido ordenado bispo de Antioquia por Lúcifer de Cagliaris[45]. Sua consagração foi logo reconhecida por Atanásio e pelos demais prelados do Ocidente, incluindo o bispo de Roma[46]. À época, Paulino fazia uma dura oposição a Melécio, acusando-o de hipocrisia, pois, embora dissesse professar o credo de Niceia, concebia o Filho apenas como

provavelmente, um equívoco do autor. Cf. SPOERL, K. M. The schism at Antioch since Cavallera. In: BARNES, M. R.; WILLIAMS, D. H. (ed.). *Arianism after* Arius: essays on the developmente of the fourth century Trinitarian conficts. Edinburgh: T&T Clark, 1993, p. 3-30.

[41] Soc. *HE*, II, XLIV.

[42] Theod. *HE*, II, XXVII.

[43] Phil. *HE*, 5.1.

[44] AYRES, L. *Op. cit.*, p. 236.

[45] Soc. *HE*, III, VI.

[46] BARRY, J. *Bishops in flight*: exile and displacement in Late Antiquity. Oakland: University of California Press, 2019, p. 157.

semelhante – e não idêntico – ao Pai em substância[47]. Pela mesma razão, recusava-se a qualquer compromisso com Diodoro e Flaviano, que haviam se aliado a Melécio e continuaram a dirigir a congregação durante a ausência do bispo[48].

Em 362, mesmo ano da ordenação de Paulino, Melécio retorna a Antioquia, em virtude do decreto de Juliano que anulava o exílio imposto por Constâncio II aos clérigos dissidentes, quando então o Cisma de Antioquia se torna mais agudo. De fato, a decisão do imperador autorizava apenas o regresso dos bispos exilados, e não a deposição daqueles que haviam sido eleitos para substituí-los, de modo que Euzoio não é privado da sua sé, o que lhe permite continuar atuando como bispo ao lado de Paulino e Melécio. Aproveitando-se do súbito desaparecimento de Juliano, em junho de 363, e da ascensão de Joviano, um imperador cristão, Melécio reúne, entre outubro e novembro deste mesmo ano, em Antioquia, um concílio de bispos orientais com o propósito de formular um símbolo de fé a ser apresentado ao soberano recém-aclamado[49]. O resultado das discussões encontra-se registrado numa epístola enviada a Joviano e conservada por Sócrates[50]. Nela, os bispos conciliares manifestam sua adesão incondicional ao *homoousios*, tal como estabelecido pelo Concílio de Niceia, ao mesmo tempo que declaram sua rejeição às teses anomeanas, que ameaçavam destruir a frágil unidade eclesiástica. Melécio começava assim a despontar como um dos principais defensores da consubstancialidade entre o Pai e o Filho, o que o aproximava de Atanásio, outro expoente na luta pela consolidação do credo niceno, sem que verifiquemos, no entanto, um acordo efetivo entre ambos, a despeito dos esforços conciliatórios de Basílio de Cesareia[51].

A tentativa de Melécio em se apresentar perante Joviano como um líder eclesiástico comprometido com o credo niceno foi bem-sucedida, pois, ao que tudo leva a crer, o imperador teria aceitado seus argumentos, confirmando-o como o bispo

[47] O desacordo entre Melécio e Paulino girava em torno também das hipóstases ou pessoas divinas. Fiel ao símbolo de Niceia, Paulino, assim como Marcelo de Ancira, sustentava a existência de uma única hipóstase. Já Melécio, em conformidade com a maioria dos bispos orientais, pensava que a Trindade fosse constituída por três hipóstases, Pai, Filho e Espírito Santo, que agiriam de modo independente, mas sem contradição entre si. A divergência, todavia, foi solucionada em 362, num concílio reunido em Alexandria, quando determinou-se que tanto a concepção de uma quanto de três hipóstases divinas seria considerada correta, cf. CHADWICK, H. *The Church in ancient society*: from Galilee to Gregory the Great. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 415 *et seq*.
[48] SOLER, E. *Op. cit.*, p. 146.
[49] ZACHUBER, J. The Antiochene Synod of AD 363 and the beginnings of Neo-Nicenism. *Zeitschrift für Antikes Christentum*, v. 4, p. 83-101, 2000.
[50] Soc. *HE*, III, XXV.
[51] ZACHUBER, J. *Op. cit.*, p. 92.

"legítimo" de Antioquia e autorizando-o a ocupar a Grande Igreja, construída por Constantino e Constâncio II[52]. Contudo, a posição de Melécio cedo é abalada pelo súbito desaparecimento do imperador e pela ascensão de Valentiniano e de seu irmão, Valente. Este último, de inclinação filoariana, logo deu início, no Oriente, à perseguição aos defensores do credo de Niceia. Tendo escolhido Antioquia como residência imperial, Valente não apenas determinou, em 365, o exílio de Melécio, mas também, de acordo com Sócrates[53], executou muitos defensores do *homoousios* e privou os demais de suas igrejas. Vale a pena mencionar que, em Antioquia, apenas Melécio foi atingido pela política religiosa de Valente, uma vez que Paulino, talvez por representar a ala minoritária dos nicenos, não foi incomodado[54]. Diante da remoção de Melécio, Diodoro e Flaviano assumem, uma vez mais, a liderança dos melecianos, que se reúnem então em espaços alternativos, como às margens do Orontes, no sopé do Monte Sílpios e no Campo de Marte, fora do perímetro urbano[55].

Não obstante a pena de exílio que lhe havia sido imposta, Melécio consegue retornar a Antioquia, aproveitando-se da ausência de Valente, envolvido com a usurpação de Procópio, em Constantinopla, e com o combate aos godos, no *limes*. Sua estadia, na cidade, se prolonga até 371, quando então é forçado a se retirar novamente devido ao regresso do imperador[56]. Em seguida, o imbróglio em torno da sé de Antioquia se torna ainda mais confuso devido à atuação de Vital, que havia sido ordenado presbítero por Melécio como recompensa por sua atuação na retomada das igrejas quando da permissão concedida por Juliano para que os bispos exilados por Constâncio II regressassem às suas sés. De início associado aos melecianos, Vital, em 375, é consagrado bispo de Antioquia por Apolinário de Laodiceia, opondo-se assim à orientação de Dâmaso para que se submetesse à autoridade de Paulino, o bispo "legítimo" da cidade de acordo com as

[52] DOWNEY, G. *A history of Antioch in Syria*. Princeton: Princeton University Press, 1961, p. 410.
[53] Soc. *HE*, IV, XVIII.
[54] Na opinião de Sozomeno, *HE*, VI, VII, Valente teria poupado Paulino por admirar a santidade de sua vida, explicação que julgamos pouco convincente, tendo em vista a abrangência das medidas tomadas pelo imperador com o propósito de garantir o predomínio, no Oriente, dos bispos favoráveis às teses arianas. Na realidade, julgamos mais plausível supor que Paulino e sua congregação não representassem uma ameaça à atuação de Euzoio, o bispo ariano, que inclusive teria autorizado o adversário a ocupar a *Palaia*, a igreja mais antiga de Antioquia, cf. CHADWICK, H. *Op. cit.*, p. 418. Além disso, a permanência de Paulino na cidade cumpria o propósito de enfraquecer Melécio, que teria então dificuldade de se apresentar como líder dos nicenos, conforme salienta KELLY, J. N. *The Golden Mouth*: the story of John Chrysostom. Ithaca: Cornell University Press, 1995, p. 12.
[55] TEODORETO DE CIRO. *Historia de los monjes de Siria*. Introducción, traducción y notas de Ramón Teja. Madrid: Trotta, 2008, 2, 15.
[56] SOLER, E. *Op. cit.*, p. 145.

autoridades eclesiásticas do Ocidente[57]. Doravante, Antioquia contará com 4 bispos: Euzoio (e, a partir de 376, Doroteu, seu sucessor), que controlava a Grande Igreja; Paulino, sediado na *Palaia*; Melécio, cujos apoiadores reuniam-se ao ar livre; e Vital, talvez ocupando uma residência privada, o que não seria incomum, mesmo no século IV[58]. A situação era, pois, bastante desvantajosa para Melécio, o único a permanecer no exílio. No entanto, o bispo é subitamente favorecido pela morte de Valente, em agosto de 378, na Batalha de Adrianópolis. No fim desse mesmo ano, Graciano emite um decreto de tolerância autorizando o retorno dos bispos exilados por seu tio. Beneficiado pela decisão imperial, Melécio regressa a Antioquia, quando então oferece a Paulino um acordo segundo o qual o sobrevivente entre os dois deveria ser, no futuro, reconhecido como único bispo da cidade, o que, todavia, não é aceito pelo segundo[59]. Diante do impasse, ficou acordado que cada um permaneceria à frente do seu rebanho. Vital, por sua vez, não tardou a ser neutralizado, ao passo que Doroteu prosseguiu como bispo da congregação ariana.

Com o propósito de afirmar sua autoridade como líder ortodoxo, Melécio reúne, em 379, um concílio de 153 bispos, no qual o credo de Niceia é ratificado. Na ocasião, o bispo de Antioquia desponta como o principal promotor, no Oriente, da causa nicena, protagonismo favorecido pelo desaparecimento de Atanásio e de Basílio de Cesareia, em 373 e 379, respectivamente[60]. Por essa mesma época, Teodósio, um nativo da Galícia cujo pai havia sido um dos generais de Valentiniano I, é nomeado Augusto por Graciano, recebendo a incumbência de substituir Valente na gestão das províncias orientais[61]. De família nicena, Teodósio, logo ao assumir, começa a pressionar Graciano para substituir o decreto de tolerância por outro, no qual não apenas o credo de Niceia seria proclamado *catholicus*, isto é, universal, mas também todas as demais interpretações acerca da divindade de Cristo seriam condenadas como heréticas. No final, prevaleceu a posição de Teodósio, como comprova o Édito de Tessalônica[62]. O passo seguinte seria realizar um grande concílio no qual a ortodoxia recém-estabelecida por decisão imperial fosse ratificada pelos próprios bispos, o que deu ensejo à convocação, em maio de 381, do

[57] SIMONETTI, M. *La crisi...*, p. 424.
[58] CHADWICK, H. *The Church...*, p. 418.
[59] Theod. *HE*, III, V.
[60] DOWNEY, G. *Op. cit.*, p. 415.
[61] WILLIAMS, S.; FRIELL, G. *Theodosius, the empire at bay*. New Haven: Yale University Press, 1994, p. 26.
[62] KELLY, J. N. *Op. cit.*, p. 36.

Concílio de Constantinopla, cuja presidência foi confiada a Melécio, em reconhecimento por seu empenho em favor da causa nicena. A escolha de Teodósio poderia, à primeira vista, exprimir certo consenso em torno do nome de Melécio, mas a realidade era um pouco mais complexa, pois tanto a igreja de Alexandria quanto a de Roma, ambas contrárias à indicação do bispo, não enviaram representantes ao concílio[63]. Como se tal não bastasse, o inesperado desaparecimento de Melécio, morto no decorrer dos trabalhos conciliares, tornava ainda mais instável a situação. Gregório de Nazianzo, vislumbrando a possibilidade de apaziguar de uma vez por todas a congregação antioquena, sugere que os prelados reunidos em Constantinopla confirmem Paulino como sucessor de Melécio, o que, no entanto, não é aceito pela maioria, que prefere ordenar Flaviano. Em retaliação, o bispo de Roma, Dâmaso, além de não reconhecer a nomeação de Flaviano, excomunga os responsáveis por sua eleição, reacendendo assim o Cisma de Antioquia (Kelly, 1995, p. 38).

Dois santos, um legado.

Ao ser ordenado presbítero, em 386, João Crisóstomo inicia sua atividade pastoral numa congregação marcada pelas consequências da disputa entre arianos e nicenos. Em termos políticos, a situação encontrava-se sob controle, na medida em que Flaviano gozava do apoio da casa imperial. Além disso, desde meados de 381, os melecianos haviam voltado a ocupar a Grande Igreja devido à atuação do *magister militum* Sapor, encarregado por Teodósio de executar o decreto de 30 de julho[64], que prescrevia a devolução aos católicos das igrejas em posse dos assim denominados "heréticos". Não obstante todos os avanços obtidos, a posição de Flaviano, em Antioquia, não era de todo confortável, pois os cristãos continuavam repartidos em duas facções majoritárias, uma vez que Paulino, apoiado pelos bispos de Alexandria e Roma, se recusava a qualquer solução de compromisso com os adversários. Mesmo após o Concílio de Constantinopla, que havia beneficiado Flaviano, este continuava a ter sua eleição episcopal contestada, na medida em que havia feito parte do clero de Melécio, um bispo tido como ariano por Paulino e seus seguidores, o que representava um incômodo estigma. Em termos práticos, Flaviano buscou não se opor abertamente aos paulinistas, evitando assim, o confronto físico com os rivais, o que poderia dar ensejo à intervenção imperial, com resultados

[63] CHADWICK, H. *The Church...*, p. 427.
[64] *CTh*. XVI, 1, 3.

imprevisíveis[65]. Em termos simbólicos, no entanto, verificamos, mediante a pregação de João Crisóstomo, um esforço no sentido de legitimar Flaviano como um expoente da causa nicena, o que implicou pelo menos duas providências. Em primeiro lugar, a conversão de Eustácio num mártir, vale dizer, num herói para os melecianos, e, em segundo lugar, a criação de uma continuidade direta entre Eustácio e Melécio, o que equivalia a fazer do segundo o herdeiro do primeiro, de maneira que Paulino seria despojado da sua condição de beneficiário do legado de Eustácio. A indicação de que, em meados da década de 380, Flaviano não gozava ainda de consenso reside no fato de João Crisóstomo, logo após sua ordenação como presbítero, em 386, ter se dedicado a recuperar a memória de Eustácio e de Melécio como campeões da ortodoxia nicena. Com esse propósito, pronuncia duas prédicas, muito provavelmente contemporâneas, a *Homilia sobre São Eustácio* e a *Homilia sobre São Melécio*, nas quais constrói a imagem de ambos os bispos como mártires que alcançaram a santidade devido à luta travada contra os adversários do credo niceno.

A *Homilia sobre São Eustácio* foi pronunciada, muito provavelmente, em meados de novembro, pois em outra prédica, João Crisóstomo menciona que, após ter feito o elogio de Eustácio, tratou, em seguida, de Romano[66], cuja festa, segundo o martirológio sírio, era celebrada em 18 de novembro. Na homilia, João exalta a memória de Eustácio como um mártir, embora reconheça que o bispo deposto não foi executado, mas morreu de morte natural. Como justificativa para proceder dessa maneira, evoca o argumento segundo o qual o que faz um mártir não é a morte em si, mas a disposição em suportar atrocidades e mesmo morrer por Cristo, como havia demonstrado Eustácio ao afrontar os "inimigos da fé", vale dizer, os arianos[67], cuja atuação, no Império, é tratada como uma segunda campanha contra a Igreja desencadeada após a Grande Perseguição, mas agora pelos adversários internos à instituição e não pelos pagãos.

> Naquele tempo, este homem santo [i. é, Eustácio] tinha o comando da Igreja em nossa comunidade, e embora a enfermidade tenha surgido como uma praga cruel proveniente das regiões egípcias, em seguida ela se difundiu com rapidez pelas províncias a fim de atacar nossa cidade.

[65] SOLER, E. *Op. cit.*, p. 158.
[66] Romano foi um mártir que havia feito parte do clero de Cesareia. De passagem por Antioquia, teria sido detido e executado pelas autoridades imperiais, no contexto da Grande Perseguição de Diocleciano e Galério. Na cidade, o festival em homenagem a Romano era celebrado logo após o de Eustácio, cf. SOLER, E. *Op. cit.*, p. 194.
[67] ST JOHN CHRYSOSTOM. On Saint Eustathius. In: _____. *The cult of the saints.* Select homilies and letters introduced, translated, and annotated by Wendy Mayer with Bronwen Neil. Crestwood: St Vladimir's Seminary Press, 2006, p. 49-62 (5).

> Ele [i.é, Eustácio], encontrando-se alerta e sóbrio e antecipando tudo aquilo que iria acontecer, venceu a guerra que se aproximava. De fato, antes de a moléstia atacar nossa cidade, aqui, em sua base, ele preparou remédios como um médico experiente e conduziu esta santa nave com um alto grau de segurança, supervisionando tudo, treinando os marinheiros e navegantes, todos que nela viajavam, preparando-os para se conservarem sóbrios e alerta, uma vez que piratas estavam atacando e tentando levar para longe o tesouro da fé[68].

Nessa passagem, João Crisóstomo recorre a metáforas médicas e náuticas, frequentes em suas homilias, para descrever a atuação de Eustácio em prol de Antioquia. Nesse sentido, o bispo é tido, num primeiro momento, como um *iatrós*, um médico capaz de deter a enfermidade proveniente do Egito, ou seja, a "heresia" ariana, que rapidamente se propagava, ameaçando a integridade da pólis, o que requeria o justo tratamento a fim de restituir a saúde do corpo eclesiástico. Diante do perigo iminente, Eustácio se ergue como um herói salvador, um líder providencial que organiza a defesa da Igreja contra a invasão de piratas cujo propósito era arruinar aquilo que a cidade tinha de mais precioso, ou seja, sua adesão incondicional à crença de que Cristo era Deus. Na sequência, Eustácio é comparado a Estevão, o protomártir cristão, como lemos em *Atos dos apóstolos*[69], pois, assim como os judeus haviam sido impotentes para se sobrepor à sabedoria de Estevão, motivo pelo qual não tiveram alternativa senão lapidá-lo, os arianos, incapazes de se apoderar da fortaleza erguida, em Antioquia, pelo bispo, decidiram afastá-lo da cidade[70], o que, no entanto, restou sem efeito, pois mesmo distante, Eustácio manteve-se unido ao seu rebanho, como sustenta o pregador na seguinte passagem:

> Eustácio suportou a morte por causa de Cristo, não em sua própria terra, mas num país estrangeiro. Isso aconteceu por ação de seus inimigos. Mas enquanto eles o expulsavam de seu território com a intenção de desonrá-lo, ele, ao contrário, devido ao seu deslocamento para o exílio, se tornou mais brilhante e famoso, como o curso dos acontecimentos demonstrou. Sua fama se tornou tão grande que, enquanto seu corpo era enterrado na Trácia, sua memória florescia entre nós dia após dia e, enquanto sua sepultura se encontra numa região bárbara, após tanto tempo, o desejo por ele entre nós, que estamos dele separados por uma grande distância, floresce a cada dia. Antes, se alguém quiser dizer a verdade, mesmo a sua sepultura se encontra entre nós, não apenas na Trácia. Pois o memorial dos santos não são urnas ou esquifes, colunas ou inscrições, mas bons trabalhos, zelo pela fé e consciência limpa perante Deus[71].

[68] *In S. Eustathium*, 7.
[69] At 7, 55-60.
[70] *In S. Eustathium*, 7.
[71] *In S. Eustathium*, 3.

João Crisóstomo faz questão de enfatizar aqui o caráter indissolúvel dos laços existentes entre Eustácio e sua congregação, não obstante a experiência do exílio, uma penalidade empregada com frequência, a partir do século IV, para punir bispos e demais clérigos que se opusessem às diretrizes do poder imperial, na medida em que, a partir de Constantino, a adoção da pena de morte contra membros da hierarquia eclesiástica passou a ser um recurso excepcional[72]. De acordo com Frighetto[73], uma das finalidades do exílio, na Antiguidade, era produzir a sensação de abandono e esquecimento em torno do condenado, de modo a romper, mediante o emprego da mobilidade forçada, os vínculos que o uniam ao seu grupo de apoio. É justamente contra a sensação de distanciamento imposta pelo exílio que João Crisóstomo se opõe ao declarar que Eustácio, mesmo longe de sua congregação, conservava-se a ela unido pela memória que, ao se retroalimentar dia após dia, vencia o tempo e o espaço e trazia o mártir para perto dos devotos. Por conseguinte, não era necessário que os antioquenos dispusessem da sepultura do bispo para honrá-lo. Muito embora, no século IV, o culto aos mártires e santos adquira um aparato visual e arquitetônico cada vez mais elaborado, na opinião do pregador, o verdadeiro monumento que se poderia dedicar a esses seres humanos que se distinguiram pela adesão à verdadeira fé, isto é, o credo niceno, eram os exemplos por eles deixados e que serviam de inspiração aos fiéis. De modo particular, Eustácio, um dos pioneiros na defesa da consubstancialidade entre Pai e Filho, se perpetuaria na figura de Melécio, pois, enquanto o primeiro teria recebido a incumbência de semear, o segundo foi responsável pela colheita, criando-se entre ambos uma cumplicidade, nos mesmos termos daquela que vemos entre Moisés e Aarão[74]. No pensamento de João Crisóstomo, a filiação entre Eustácio e Melécio representa o principal argumento formulado com o propósito de conferir a este último a legitimidade necessária para se apresentar como o autêntico bispo de Antioquia, em detrimento de Paulino, cuja existência, como dissemos, é ignorada pelo pregador. As semelhanças entre ambos seriam notáveis, de maneira que Melécio deveria ser, a justo título, considerado o herdeiro e continuador do trabalho pastoral de Eustácio, como vemos na *Homilia sobre São Melécio*, pronunciada em 12 de fevereiro de 386 ou

[72] BARRY, J. *Op. cit.*, p. 1.
[73] FRIGHETTO, R. *Exílio e exclusão política no Mundo Antigo*. Jundiaí: Paco, 2019, p. 12.
[74] *In S. Eustathium*, 10.

387, numa cerimônia cujo cenário foi o *martyrion* de Bábilas, um bispo de Antioquia supliciado, em 251, sob Décio.

Tendo falecido em 381, enquanto presidia os trabalhos do Concílio de Constantinopla, Melécio foi sepultado, em caráter provisório, na Igreja dos Santos Apóstolos, erguida por Constantino. Mais tarde, o corpo foi trasladado para Antioquia. De acordo com Sócrates[75], ao longo do trajeto as relíquias do bispo "foram recebidas dentro das muralhas de cada cidade, em oposição ao costume romano, e foram honradas com cantos e salmos em tais lugares". Ao chegar a Antioquia, o corpo foi depositado num sarcófago duplo confeccionado em pedra que fazia parte do *martyrion* cruciforme que o próprio Melécio, entre 379 e 380, havia feito erguer em homenagem a Bábilas. O monumento, trazido à luz pelos arqueólogos (Fig. 1), situava-se em Kaoussie, no Campo de Marte, num local saturado de simbolismo pelos melecianos, que aí costumavam se reunir sob o governo de Valente[76]. Ao que tudo leva a crer, foi nesse local que, cinco anos após a morte do bispo, João Crisóstomo pronunciou a *Homilia sobre São Melécio*, na qual ressaltam as semelhanças que unem o protagonista a Eustácio, a começar pela sua atuação como um *iatrós*, um médico que, ao pretender livrar a cidade da heresia, termina por ser expulso:

> Quando ele chegou, como Moisés no Egito, e libertou a cidade do erro da heresia e, mediante a amputação dos membros que estavam num estado incurável, devolveu a saúde plena à maior parte da Igreja, os inimigos da verdade não poderiam suportar a correção, e por esse motivo acionaram o imperador e o expulsaram da cidade, na esperança de subverter a verdade e atentar contra a ordem dos acontecimentos[77].

Assim como Eustácio, Melécio age como um médico que, para o bem do paciente, deve intervir no corpo doente a fim de extirpar o mal que se propaga, o que lhe rende a animosidade dos adversários, que recorrem a Constâncio II a fim de neutralizá-lo. Como de praxe, a medida empregada pelo imperador para conter o bispo dissidente foi o exílio. No entanto, assim como ocorreu com Eustácio, a pena imposta a Melécio não foi capaz de afastá-lo de sua congregação, como é possível concluir do excerto abaixo:

---

[75] Soc. *HE*, VII, X

[76] MAYER, W.; ALLEN, P. *The churches of Syrian Antioch (300-638 CE)*. Peeters: Leuven, 2012, p. 32 *et seq*.

[77] ST JOHN CHRYSOSTOM. On Saint Meletius. In: _____. *The cult of the saints.* Select homilies and letters introduced, translated, and annotated by Wendy Mayer with Bronwen Neil. Crestwood: St Vladimir's Seminary Press, 2006, p. 39-48, 4.

> Ao partir para a Armênia, ele levou consigo a cidade inteira, pois, embora seu corpo estivesse preso à sua terra natal, seu intelecto e sua mente, elevados pela graça do Espírito como por meio de asas e revoando em torno de vocês todo o tempo, carregaram todos os habitantes em seu coração, que era de fato sua própria experiência. Embora vocês estivessem situados aqui e circunscritos à cidade, pelo amor do Espírito vocês foram transportados para a Armênia dia após dia e viam sua santa face e ouviam sua agradável e abençoada voz[78].

Na avaliação de João Crisóstomo, Antioquia, em sua totalidade, reverenciava Melécio, que nunca havia deixado de estar próximo aos habitantes da cidade, a despeito da separação física imposta pelo exílio. A mensagem que o pregador deseja transmitir é, pois, a de que, em nenhum momento, a autoridade do bispo havia sido abalada devido às artimanhas dos seus adversários, criando-se assim a representação segundo a qual Melécio gozava de plena aceitação entre os cristãos de Antioquia, o que, não era, em absoluto, verdadeiro devido à existência de Paulino. Importa assinalar, neste caso, que Melécio, embora tenha sofrido o exílio em duas ocasiões, a primeira em 361, por determinação de Constâncio, e a segunda em 365, já sob o governo de Valente, nunca perdeu por completo o contato com os membros da sua congregação, uma vez que Flaviano e Diodoro, durante todo o tempo em que o bispo esteve ausente, cuidaram de liderar, em seu nome, os melecianos. Além disso, Melécio nunca se afastou de Antioquia por completo, pois, malgrado o exílio a ele imposto em 365, conseguiu residir na cidade entre 367 e 371, aproveitando-se da ausência de Valente, como mencionamos[79].

A despeito de todas as injúrias e aflições que teve de suportar como defensor do credo niceno, Melécio, ao fim e ao cabo, triunfou sobre os seus inimigos, convertendo-se num modelo de retidão ortodoxa. Por esse motivo é que, sob inspiração divina, Teodósio o teria escolhido para presidir o Concílio de Constantinopla, de maneira que:

> Gálatas e bitínios, cilícios e capadócios, e todos aqueles que habitam a Trácia possam aprender com suas bênçãos. Bispos de todo o mundo, testemunhando sua santidade como uma imagem arquetípica e recebendo dele um claro exemplo do serviço associado ao cargo que ocupam, têm assim um claro modelo a partir do qual podem administrar e governar suas igrejas. [...] Os bispos que administram as igrejas de todo o mundo se encontravam presentes [em Constantinopla], na presença deste santo homem. E quando o viram, e tomaram conhecimento de cada detalhe de sua modéstia, sua sabedoria e seu entusiasmo pela fé, que todas as virtudes próprias de um sacerdote eram perfeitas nele, foi quando Deus o chamou para si[80].

[78] *In S. Meletio*, 5.
[79] KELLY, J. N. *Op. cit.*, p. 17.
[80] *In S. Meletio*, 7.

Segundo João Crisóstomo, ao convidar Melécio para presidir os trabalhos do Concílio de Constantinopla, Teodósio permite que o bispo receba a reverência dos prelados de todo o Império, projetando-se como um santo que, mediante seu exemplo e seus ensinamentos, é capaz de iluminar a própria Igreja no caminho da fé verdadeira, o que amplifica o seu papel, pois sabemos que a aceitação unânime de Melécio era, a bem da verdade, uma miragem, uma vez que tanto o bispo de Alexandria quanto o de Roma e demais sés do Ocidente haviam permanecido leais a Paulino, não reconhecendo a autoridade de Melécio e muito menos a de seu sucessor, Flaviano, o que, na segunda metade da década de 380, ainda era motivo de embaraço para os melecianos. Ciente da situação, o pregador se esforça para promover a ideia segundo a qual o bispo era venerado e respeitado por todos, não apenas pelos prelados reunidos no Concílio de Constantinopla, mas também pelas pessoas comuns, razão pela qual logo assume, em Antioquia, a condição de santo, cujo nome era amiúde empregado pelos pais ao batizar os filhos, na esperança de atrair sobre eles as bênçãos divinas. Além disso, os ícones associados a Melécio se multiplicavam pela cidade, pois os devotos faziam reproduzir sua imagem sobre anéis, selos, taças e nas paredes dos dormitórios[81]. Alçado à condição de santo, Melécio pode, enfim, repousar ao lado de Bábilas, no *martyrion* de Kaoussie, produzindo-se uma identidade entre ambos os bispos, que, mesmo na morte, continuariam a proteger Antioquia contra os inimigos da verdadeira fé[82] (Silva; Silva, 2016, p. 213-214).

Considerações finais

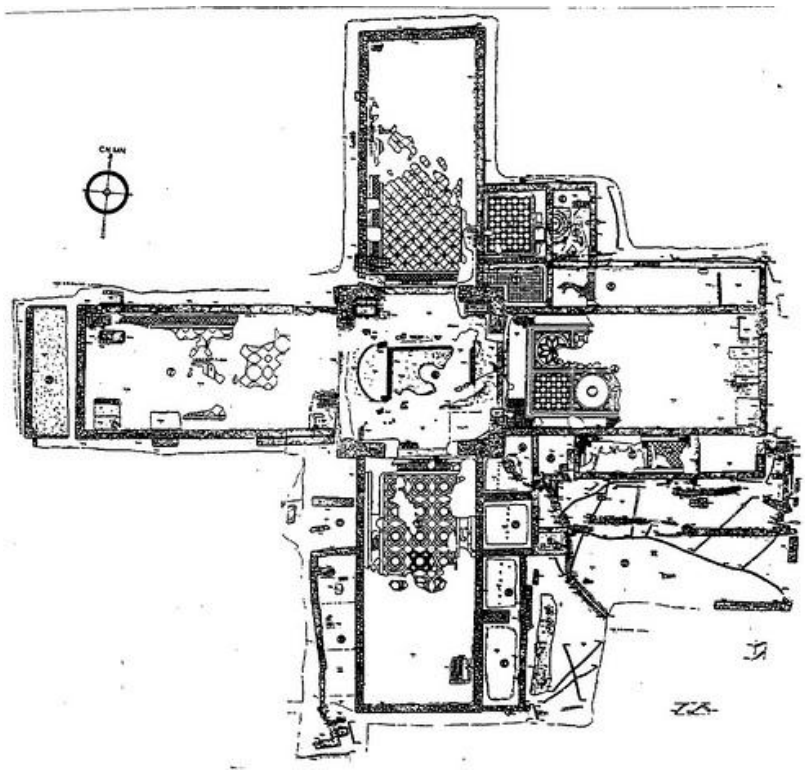
A controvérsia entre arianos e nicenos acerca da divindade de Cristo foi um conflito ao mesmo tempo extenso em termos geográficos e temporais e intenso no engajamento que produziu entre as partes em litígio, apresentando inúmeras *démarches* e esfumaturas que nem sempre são consideradas quando se privilegia uma narrativa calcada na polarização entre dois grupos, o que tende a reduzir a complexidade do acontecimento. Do ponto de vista do leitor menos informado e do público cristão, não raro o Concílio de Niceia é elevado à condição de monumento, de marco definitivo no debate acerca da divindade de Cristo, quando, na realidade, ele é o evento que, antes de solucionar o

[81] *In S. Meletio*, 2-3.
[82] SILVA, G. V.; SILVA, E. C. M. As relíquias dos mártires como esteio dos bispos: Melécio e o culto de Bábilas em Antioquia (séc. IV). In: OMENA, L. M.; FUNARI, P. P. (org.). *Práticas funerárias no Mediterrâneo romano*. Jundiaí: Paco, 2016, p. 193-223.

problema, o aprofunda, dando margem não apenas a uma pletora de interpretações sobre o assunto, mas também a uma mobilização incessante dos bispos com o propósito de salvaguardar sua posição e de adotar medidas restritivas contra os adversários. Na ocasião, buscam, a todo custo, o apoio da casa imperial. No caso de Antioquia, o conflito que opôs arianos e nicenos revela-se bastante resiliente, pois, mesmo após o Concílio de Constantinopla, Flaviano ainda era alvo de ataques por sua associação com Melécio, um bispo que havia sido eleito para a sé da cidade por prelados arianos, o que atraiu sobre ele e todo o seu clero a má vontade de Alexandria e Roma. Nesse sentido, não nos causa estranheza que, ao ser ordenado presbítero e dar início à sua carreira como pregador, uma das primeiras providências tomadas por João Crisóstomo tenha sido a de ratificar o compromisso de Melécio com a ortodoxia nicena, o que o leva a estabelecer uma filiação direta entre Melécio e Eustácio, o pioneiro, em Antioquia, no combate às teses de Ário. Nesse movimento, João realiza aquilo que Harrison[83] descreve como um ato de pirataria simbólica, na medida em que se apropria de um importante recurso à disposição de Paulino, isto é, a imagem de Eustácio como campeão da ortodoxia nicena, empregando-a para conferir legitimidade a Melécio e, por extensão, a Flaviano, um bispo confrontado pela obstinação dos paulinistas em não reconhecer sua autoridade. De fato, ao morrer, em 388, Paulino, no leito de morte, consagra Evágrio como seu sucessor, o que prolonga o Cisma de Antioquia por mais alguns anos. A situação somente é superada, em definitivo, em 394, devido à morte de Evágrio, cujo clero é absorvido pela congregação de Flaviano. Na ocasião, Paulino e Evágrio passam a ser reverenciados como santos da igreja de Antioquia, enquanto que o episcopado de Flaviano é reconhecido por Teófilo de Alexandria. Em Roma, o nome de Melécio é incluído no martirológio local[84]. Entre o início do Cisma de Antioquia e sua resolução quase setenta anos haviam se passado, no decorrer dos quais os cristãos da cidade experimentaram momentos de aguda tensão e instabilidade, não apenas devido à oposição entre arianos e nicenos, mas inclusive entre estes últimos que, repartidos entre paulinistas e melecianos, ainda digladiavam, na década de 380, pelo privilégio de serem declarados herdeiros de Eustácio.

[83] HARRISON, S. *Op. cit.*, p. 241.
[84] CHADWICK, H. *The Church...*, p. 430-431.

FIGURA 1 – *Martyrion* de Bábilas, em Kaoussie



Fonte: Campbell[85]

[85] CAMPBELL, S. *The mosaics of Antioch*. Toronto: Pontifical Institute of Medieaval Studies, 1988.